



II Simpósio de Pesquisa do Ecosistema Ânima:  
**Juntos pelo Conhecimento: um novo saber cria um novo amanhã**

**CULTURA PARTICIPATIVA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS AO FAZER DOCÊNCIA NA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS**

Msc Miquéias Moreira de Araújo<sup>1</sup> (orientador); Msc José Roniel Moraes Oliveira<sup>2</sup> (orientador); Dr Antenor Rita Gomes<sup>3</sup> (orientador); Diogo da Silva Costa<sup>4</sup>

**Resumo**

O estudo se estabelece enquanto qualitativo do tipo bibliográfico, desta feita, a análise foi desenvolvida no prisma da complexidade de (Morin, 2018). O ambiente pós-moderno é caracterizado principalmente pela presença de elementos cibernéticos. Aqui se considerou o que Gere (2008, p.17) cita ao dizer que “a tecnologia digital é um produto da cultura digital, e não vice-versa”. A discussão foi segmentada dentro de uma estrutura de raciocínio lógico complementar, conduzindo o leitor a um olhar crítico quanto aos aspectos relacionados a formação docente e suas práticas pedagógicas frente a Era da Informação a partir de um estudo bibliográfico. Desta forma, foram estabelecidos os seguintes tópicos para explanação: Inteligência coletiva e os nativos digitais; Professoralidade Onlife perspectivas pedagógicas no ensino superior; E considerações finais trazendo a síntese do conteúdo a partir da exposição de reflexões necessárias sobre a tecnologia integrada às práticas docentes dentro dos processos de transformação cultural.

**Palavras-chave:** CULTURA PARTICIPATIVA, DOCÊNCIA, MÍDIAS DIGITAIS.

**Introdução:**

O ambiente pós-moderno é caracterizado principalmente pela presença de elementos cibernéticos, informáticos e informacionais. Nesse contexto, observa-se um aumento contínuo na pesquisa e exploração da linguagem, com o propósito de compreender os processos que a impulsionam e estabelecer relações harmoniosas entre diferentes dispositivos de informação. Além disso, há uma crescente dedicação aos estudos da "inteligência artificial" e uma busca sistemática para desvendar tanto a estrutura quanto o funcionamento do cérebro humano, bem como os mecanismos que regem a vida. Dentro dessa moldura, predominam os esforços, de natureza



científica, tecnológica e política, para efetuar a informatização da sociedade como um todo (Lyotard, 2000, p. 8).

Neste cenário, se mostra como fundamental evitar o erro de presumir que as mudanças culturais derivam exclusivamente da introdução de tecnologias e formas de comunicação contemporâneas. Na realidade, são os tipos de símbolos que circulam por esses meios, as naturezas das mensagens transmitidas e os processos de comunicação que ocorrem neles que desempenham o papel primordial. Esses fatores não apenas influenciam o modo como as pessoas pensam e respondem emocionalmente, mas também promovem o surgimento de novos contextos socioculturais (Santaella, 2003).

A noção de cultura digital ganha novas perspectivas nas ciências humanas. Através dos paradigmas impostos pelas mudanças sociais professores e professoras (des) constroem suas noções de docência. A assimilação social dessas recentes tecnologias tem ocorrido na mesma medida de rapidez e intensidade com que são introduzidas, aceitas e, em breve, descartadas, para dar espaço a algo novo, mais avançado e diverso, em várias dimensões. Processos cada vez mais acelerados marcam a gênese, produção, consumo e superação das tecnologias digitais contemporâneas. Gradualmente, nos habituamos a esse ritmo incessante que em diversos casos, sequer o notamos, uma vez que a celeridade já se tornou intrínseca, transformando-se em um princípio que norteia nosso próprio estilo de vida (Kenski, 2013).

Assim, existe uma dualidade quando falamos de cultura no cerne da ontologia humana “Uma delas é a de que tal cultura representa uma decisiva ruptura com aquilo que a precedeu (no caso, a cultura analógica), e a outra é a de que a cultura digital deriva e é determinada pela existência da tecnologia digital” (Gere, 2008, p.17). Desta forma, para Hall (1997, p.23), a cultura “tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo” e em transição. Não obstante, ao citar Gilles Deleuze, Gere (2008) salienta que “a máquina é sempre social antes de ser técnica. Há sempre uma máquina social que seleciona ou atribui os elementos técnicos utilizados” (idem, p.17).

## **Métodos:**

Assim o estudo se estabelece enquanto qualitativo do tipo bibliográfico com debate, desta feita, a análise foi desenvolvida a partir do prisma da complexidade de Morin (2018), aportando-se os estudos culturais e compreendendo que a qualquer tempo “toda a cultura é tecnológica” (Lister, et al.,2009, p.16). Aqui, se considerou o que Gere (2008, p.17) cita a respeito da temática apresentada, “a tecnologia digital é um produto da cultura digital, e não vice-versa”. Como cita



Gonsalves (2004, p. 59), “a preocupação maior [...] não reside na aplicação de um método para atingir a verdade; a questão essencial é ter, como meta do pensamento, a noção de [...] formação em lugar de conhecimento”.

A discussão foi segmentada dentro de uma estrutura de raciocínio lógico complementar, conduzindo o leitor a um olhar crítico quanto aos aspectos relacionados à formação docente e suas práticas pedagógicas. Desta forma, o tópico a seguir trata da Inteligência coletiva e os nativos digitais. Neste momento fora apresentado quem é o aluno presente na sala de aula hoje, juntamente com suas novas possibilidades de disseminar conhecimento. Na sequência, o tópico Professoralidade Onlife: perspectivas pedagógicas, cuja explanação trouxe elementos essenciais sobre a prática docente e os princípios da cultura participativa no contexto Onlife de existir. Como penúltimo tópico, “Letramento midiático: o que esperar da sala de aula do futuro?” dissertou da caracterização dos multiletramentos digitais, bem como suas possibilidades de atuação esperada. Por fim, as considerações finais sintetizaram o conteúdo discutido, expondo as reflexões necessárias sobre a tecnologia integrada às práticas docentes dentro dos processos de transformação cultural.

### **Resultados e Discussões:**

A sociedade digital proporcionou aos sujeitos desenvolverem o que Lévy (1993) chama de inteligência coletiva. Nessa era, como nunca visto antes, vivemos uma profusão de saberes interconectados pelo que Castells (1999), denomina de sociedade em rede. Os sujeitos se concebem o mundo por meio do digital, assim, “por meio do consumo de estímulos audiovisuais, propagados pelas telas que se tornam onipresentes em todas as relações sociais” (ZUIN, 2014, p. 248). Serres (2013) denomina esta juventude de “Polegarzinha”. Lévy (1993) argumenta que a interconexão global possibilitada pela tecnologia cria uma rede de conhecimento compartilhado e colaboração, permitindo uma forma de inteligência que é distribuída em toda a sociedade. Isso tem implicações importantes para a forma como lidamos com informações, aprendizado e tomada de decisões.

Além disso, a identidade cultural advinda dos nativos digitais se apresenta como valioso recurso na formação dos educadores. Eles podem trazer consigo uma compreensão intuitiva das ferramentas tecnológicas e das dinâmicas de comunicação online. Isso não apenas capacita os educadores a aproveitar as oportunidades oferecidas pela tecnologia, mas também a contribuir para a inteligência coletiva, enriquecendo a educação através do compartilhamento de conhecimento e colaboração global (Palfrey; Gasser, 2011). Escobar (1994) destaca para sua origem dentro de um contexto social



e cultural que conduzirá a uma nova ordem, ampliando as potencialidades de comunicação, atividade laboral e existência humana.

Falar sobre professoralidade OnLife diz sobre a capacidade de transitar de maneira fluida entre os ambientes online e offline, reconhecendo que esses dois mundos não estão separados, mas interconectados, integrando experiências de diferentes realidades. Os educadores podem aproveitar as experiências e recursos digitais para enriquecer a sala de aula física, bem como trazer elementos da vida offline para o ambiente online, promovendo uma abordagem mais holística para a aprendizagem. Aqui, é interessante pensar sobre o conceito de ubiquidade, que permite a presença simultânea em dois locais distintos, é suplantado pelo foco em um terceiro espaço: o ambiente comunicativo. Isso leva a uma sensação de presença ausente, em que as pessoas estão simultaneamente presentes e ausentes (Santaella, 2010, p. 102).

Como resultado, esses elementos transitam em um espaço topológico caracterizado por proximidades, enquanto a nossa realidade está situada em um espaço métrico, definido por distâncias. Portanto, essas entidades já não compartilham o mesmo espaço (Serres, 2013, p. 19). Existem três conceitos interligados. Primeiro, há o conceito de "remediação", originado da perspectiva de McLuhan de que "o conteúdo de qualquer meio é sempre outro meio". Segundo, surge a ideia de que as mídias e tecnologias são extensões do corpo humano e seus sentidos. Terceiro, McLuhan é conhecido por sua enfatizada afirmação de que "o meio é a mensagem" (Lister et al., 2009, p. 80).

Portanto, o exercício da professoralidade segundo uma dinâmica OnLife desafia a formação docente a se adaptar a um mundo cada vez mais digital e a preparar os educadores para enfrentar os desafios e oportunidades dessa era. Isso envolve desenvolver competências digitais, promover a cultura participativa, cultivar o pensamento crítico e, ao mesmo tempo, manter o foco nas relações humanas na educação.

Deste modo, ao refletir sobre as possíveis dinâmicas encontradas nas futuras salas de aula, pode-se pensar na integração de diversas tecnologias, como o planejamento de aulas que envolvam uma variedade de mídias e recursos interativos para atender às diferentes formas de aprendizagem dos alunos. Os diferentes modos de produzir conteúdo poderão ser observados através da criação de vídeos, blogs, apresentações multimídia e outros tipos de mídia para compartilhar conhecimento e opiniões, mantendo o caráter de aprendizagem colaborativa, onde projetos, opiniões, conteúdos e seus respectivos feedback são discutidos em um contexto amplo e com enorme variedade de atualizações, permitindo que haja trabalho em conjunto e compartilhamento de ideias a nível global.



## **Conclusões:**

O crescente impacto do conhecimento global na sociedade e o papel da educação na continuidade dos processos sociais podem representar uma influente força propulsora para a melhoria da condição humana. No entanto, o campo educacional precisa redefinir substancialmente seus objetivos, ampliar seus horizontes e se adaptar às demandas desafiadoras para estar verdadeiramente preparado para enfrentar esses desafios. Segundo Dowbor (2013, p. 51), existe um grande desafio da educação em mobilizar as suas forças para reconstruir uma convergência entre o potencial tecnológico e os interesses humanos.

As tecnologias enquanto instrumentos têm a capacidade tanto de perpetuar abordagens educacionais tradicionais quanto de catalisar mudanças transformadoras no ensino. As tecnologias digitais são manifestações da cultura que incorporam significados e princípios, o que demanda que os educadores as analisem de forma crítica e reflexiva, a fim de otimizar seu impacto positivo na educação. Nas palavras de Dowbor (2013, p. 4) sem os conhecimentos e a organização social correspondentes, construímos uma modernidade com pés de barro, um luxo de fachada (DOWBOR, 2013, p. 4) cujos objetos de desejo são mais bem aproveitados imediatamente, depois são abandonados; os mercados fazem com que tanto a satisfação como a obsolência sejam instantâneas (Bauman, 2008 p.197-198).

Destarte, o contexto da formação docente em uma perspectiva de cultura participativa envolve a integração criativa e reflexiva das dimensões online e offline da educação. Novas demandas de formação continuada não estão mais restritas às ofertas locais de treinamento, mas se expandem para a participação ativa em comunidades online, cursos virtuais, webinars e outras oportunidades de aprendizado digital. Ainda, os docentes podem se utilizar da inteligência coletiva ao interagir com colegas de diferentes contextos culturais e educacionais, obtendo perspectivas diversificadas sobre os desafios e soluções no campo da educação. Neste quesito, a capacitação dos educadores oferece recursos para o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem mais colaborativos, personalizados e envolventes.

## **Referências:**

ESCOBAR, A. (1994). Welcome to Cyberia: notes on the anthropology of cyberculture. *Current Anthropology*. 35 (3), 211-231



PALFREY, J.; GASSER, U. (2011). Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

DOWBOR, Ladislau. Tecnologias do Conhecimento - os desafios da educação. São Paulo: Vozes, 2013.

GONSALVES, Elisa Pereira. Da ciência e outros saberes: trilhas da investigação científica na pós-modernidade. Campinas, SP: Alínea, 2004.

YOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

GERE, Richard. Digital culture. London: Reaktion Books, 2008.

MORIN, Edgar. Edgar Morin: é preciso educar os educadores. CONTI outra [online]. Entrevista concedida à Fronteiras do Pensamento, 2018. Disponível em: <http://www.contioutra.com/edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores/> Acesso em: 29 abr. 2023.

ROJO, Roxane (Org.). Escola conectada: os multiletramentos e as TIC. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

IANNI, Octavio. A sociedade Global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.





CARVALHO, Alecir Francisco; SILVA, Cleder Tadeu Antão; MILL, Daniel. Mediação tecnológica. In: MILL, Daniel (org.). Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância. Campinas: Papirus, 2018.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. O que é virtual?. São Paulo: Editora 34, 1996.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. O Fenômeno das Fake News e a Pandemia: os multiletramentos digitais em questão. *Filosofia e Educação*, v. 12, p. 1466-1496, 2020. DOI: 10.20396/rfe.v12i3.8661998

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage, 1997.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A cultura digital, a semiformação e o novo elo pedagógico. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 39, n. 2, p. 241-256, maio/ago. 2014. DOI: <http://doi.org/10.5216/ia.v39i2.31705>

WILLIAMS, Raymond. *Technology and cultural form*. Londres: Shocker Books, 1975.

KENSKI, Vani Moreira. Cultura digital. In: MILL, Daniel (org.). Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância. Campinas: Papirus, 2018.

KENSKI, Vani Moreira. Interações em e-learning no Ensino Superior. In: DIASTRINDADE, Sara; MOREIRA, J. António; FERREIRA, António Gomes. *Pedagogias digitais no ensino superior*. Coimbra: CINEP/IPC, 2020.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2003.



SERRES, Michel. A Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

ANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista da comunicação: a conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. Cibercultura como território recombinate. In TRIVINHO, E., CAZELOTO, E. (Ed.), A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber, Instituto Itaú Cultural, 38-46, 2009. Disponível em: [http://abciber.org/publicacoes/livro1/a\\_cibercultura\\_e\\_seu\\_espelho.pdf](http://abciber.org/publicacoes/livro1/a_cibercultura_e_seu_espelho.pdf).

LISTER, Martin; DOVEY, Jon; GIDDINGS, Seth; GRANT, Iain; KELLY, Kieran. New Media: a critical introduction. 2. ed. New York: Routledge, 2009.

McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1970.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, nº 22, p.23-32, dez., 2003.

**Fomento:** Não se aplica.



